



“Ao leitor”: reflexões sobre o endereçamento nos poemas de Charles Baudelaire

“To the reader”: reflections on lyric address in Charles Baudelaire’s poems

Dossiê: A contemporaneidade da lírica: apóstrofes, endereçamentos e anacronismos

Rita Loiola*

ORCID: 0000-0002-9986-1737

E-mail: rita.loiola@gmail.com

Resumo:

O artigo faz uma leitura do endereçamento em Charles Baudelaire, em diálogo com as formulações de Jonathan Culler em seus trabalhos sobre a apóstrofe e sobre o endereçamento lírico. A proposta é refletir sobre a convocação “singular” que o poeta francês estende a seu destinatário em “Ao leitor”, poema de abertura das *Flores do Mal*. Tal convite, ao mesmo tempo, agressivo e provocativo e em divergência com o ideal de afinidade ou fusão entre o poeta e seu interlocutor, está em sintonia com uma teoria da lírica não representativa, em que a poesia se produz como um acontecimento por meio da voz poética visionária que torna responsiva esferas abstratas. O presente estudo sugere que, ao investir na dissonância e no desacordo, o endereçamento baudelaireano promove ainda o papel ativo da instância ao qual o poema se dirige, possibilitando respostas que excedem a conciliação e a harmonia. Assim, a poesia de Charles Baudelaire se constitui não apenas como um acontecimento que envolve o espelhamento ou continuidade entre sujeito poético e seu interlocutor, mas também se aproxima de experiências do dissenso, do fracasso, do desvio, do desastre ou da catástrofe.

Palavras-chave:

Poesia, Endereçamento, Charles Baudelaire, teoria literária, Jonathan Culler.

Abstract:

This article offers a reading of address in Charles Baudelaire, in dialogue with Jonathan Culler’s formulations in his works on apostrophe and lyric address. The proposal is to reflect on the “singular” invocation that the French poet extends to his addressee in “To the Reader,” the opening poem of *The Flowers of Evil*. This invitation, at once aggressive and provocative, and diverging from the ideal of affinity or fusion between poet and interlocutor, aligns with a theory of non-mimetic lyric, in which poetry is produced as an event through the visionary poetic voice that renders abstract spheres responsive. The present study suggests that, by investing in dissonance and disagreement, Baudelairean address also promotes the active role of the instance to which the poem is directed, capable of responses that exceed conciliation and harmony. Thus, the poetry of Charles Baudelaire is constituted not only as an event involving mirroring or continuity between the poetic subject and its interlocutor, but also approaches experiences of dissensus, failure, deviation, disaster, or catastrophe.

Keywords:

Poetry, Address, Charles Baudelaire, Literary Theory, Jonathan Culler.

*Pesquisadora de pós-doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde estuda o endereçamento nos poemas de Ana Cristina Cesar e suas relações com a poética de Charles Baudelaire. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil, processo n. 2024/05894-4.



*“C’est, en somme, une espèce de fraternité basée sur le mépris”
Charles Baudelaire, “Edgar Poe, sa vie et ses œuvres”*

Ao tratar do endereçamento poético no artigo “Apostrophe”, Jonathan Culler (1977, p. 59) destacava o quanto o tópico é “constrangedor” [embarrassing]. A maneira estranha com a qual os poemas se dirigem a seus interlocutores estaria na origem de um embaraço tanto para autores quanto para leitores, algo evidenciado pela evasão da crítica a respeito da questão:

O fato de que ela [a apóstrofe] seja sistematicamente reprimida ou excluída pelos críticos sugere que ela representa o que o discurso crítico não consegue assimilar confortavelmente. De fato, seria justificável considerar a apóstrofe como a figura de tudo que é mais radical, constrangedor, pretensioso e mistificador na lírica, ainda que se busque identificar a apóstrofe com a própria lírica.¹ (CULLER, 1977, p. 60)

O raciocínio será retomado com algumas modificações no quinto capítulo de *Theory of the lyric*, livro em que o crítico apresenta quase quarenta anos de seus estudos sobre o endereçamento em poesia, propondo que a investigação sobre esse aspecto esteja no centro de uma teoria adequada da lírica. Em conjunto com a sonoridade do ritmo, rimas e repetições, as curiosas invocações trazidas pelos poemas seriam elementos fundamentais para torná-los um acontecimento (*happening*), um ato (*act*) ou um evento (*event*) – e não representações de acontecimentos, atos ou eventos. De acordo com o autor, uma teoria que se propõe a enfrentar “o jeito estranho com que a lírica se endereça ao tempo, aos ventos, urnas, árvores, ou aos mortos e pede-lhes que faça algo ou pare de fazer o que está fazendo”² (Culler, 2015, p. vii) trará indícios de que a lírica escapa à *mimesis*, estando mais próxima da linguagem profética ou ritualística. A poesia seria “fundamentalmente não-mimética, não ficcional, um evento linguístico distinto, o que pode ser extraído de conceitos clássicos da lírica como discurso encomiástico ou epidítico – discursos de louvor ou crítica, articulando valores, não uma espécie de ficção.”³ (Culler, 2015, p. 7)

De fato, o endereçamento poético parece se constituir como algo curioso e mesmo constrangedor, “a epítome de tudo que é mais audacioso e potencialmente embaraçoso na lírica”⁴ (Culler, 2015, p. vii). Na obra de Charles Baudelaire, apesar de a questão do interlocutor ou do leitor ser aspecto determinante, grande parte dos comentários e da produção crítica sobre ela tende a enfatizar a subjetividade lírica, com análises que problematizam a voz poética e sua expressão. As abordagens do vínculo com o interlocutor são, não raro, concentradas na posição autoral, em leituras que tratam de sua complexidade e desdobramentos, trabalhos sem dúvida fundamentais para a compreensão

¹ “The fact that it is systematically repressed or excluded by critics suggests that it represents that which critical discourse cannot comfortably assimilate. Indeed one might justified in taking apostrophe as the figure of all that is most radical, embarrassing, pretentious, and mystificatory in the lyric, even seeking to identify apostrophe with lyric itself”. Os textos em língua estrangeira terão a tradução da autora, salvo indicação em contrário, como os poemas e a crítica de Charles Baudelaire.

² lyric’s strange way of addressing time, winds, urns, trees, or the dead and asking them to do something or to stop doing what they are doing.

³ fundamentally nonmimetic, nonfictional, a distinctive linguistic event, can be drawn from classical conceptions of lyric as encomiastic or epideictic discourse – discourse of praise of blame, articulating values, not a species of fiction.

⁴ the epitome of everything most daring and potentially embarrassing in lyric.

pluralização da voz poética. No entanto, o chamado que Baudelaire estende a seu destinatário no poema “Ao leitor”, que abre as *Flores do Mal* (“Leitor irmão – hipócrita – meu semelhante!” [– *Hypocrite lecteur, – mon semblable, – mon frère!*], Baudelaire, 2019, p. 28-29), visto como o paradigma moderno do embate com o leitor de poesia, costuma ganhar poucas palavras, sem o aprofundamento das implicações desta convocação para a apreensão do poema.

Desde os primeiros trabalhos de Culler sobre o endereçamento, o poeta francês do século XIX é um dos autores cujas apóstrofes e convocações ao interlocutor ganham menções numerosas. No estudo de 1977, Charles Baudelaire é exemplar em fazer “paródia de apóstrofes” e em trazer a “apóstrofe desmistificada” – um tipo de deslocamento que irá reforçar o tópico e a capacidade da poesia em se constituir como “evento”. Quase quatro décadas depois, a força do endereçamento do poeta será examinada de maneira detida em um estudo dedicado às apóstrofes baudelairianas (Culler, 2014), cujas conclusões serão desenvolvidas em *Theory of the lyric*, publicado no ano seguinte.

Entretanto, o poema “Ao leitor”, apesar de fundamental para os estudos do endereçamento lírico, será citado em pouco menos de um parágrafo do volume. Nele, o crítico ressalta como a convocação direta ao destinatário, com ares de agressividade e provocação, destoa do sistema mais comum empregado na poesia, o endereçamento indireto (o poeta se dirige ao leitor por meio do endereçamento a outra instância). Poemas assim seriam excepcionais, explicitamente meta-poéticos e dependentes da coleção de versos que introduzem. Em diálogo com as formulações de Culler, parece-nos, entretanto, que o convite “constrangedor” que Baudelaire estende ao interlocutor promove ainda outro deslocamento, divergindo do modelo romântico de afinidade entre o poeta e leitor. O chamado direto e hostil propõe o papel ativo do interlocutor poético, aspecto que reata com a lírica antiga e contribui para fazer da poesia um “acontecimento” imprevisível, uma fresta que exhibe a relação particular e múltipla entre poema e vida.

Para examinar como isso acontece no poema, faremos uma rápida retomada de alguns pontos a respeito dos estudos do endereçamento poético e das análises do crítico sobre a apóstrofe. O desvio pretende ser breve e não exaustivo, com o intuito de destacar aspectos relevantes trazidos pela perspectiva que se preocupa também com o interlocutor de poesia ou com o que excede a subjetividade, uma alteridade ou destinação inscrita no discurso poético. Esse ponto de vista que tem sido empregado nos estudos literários é bastante produtivo e permite a reaproximação de algumas questões caras à teoria de poesia, como os problemas envolvendo a constituição do sujeito poético ou as relações entre o poema e o mundo.

O endereçamento baudelairiano e suas implicações para a teoria da lírica

Buscando inclinar as pesquisas para o que seria a instância que escapa à posição autoral, parte dos estudos literários das últimas décadas tem se interessado pela perspectiva do endereçamento, não exatamente como uma teoria ou conceito, mas como um ângulo ou ajuste do olhar capaz de abordar produções contemporâneas bem como fazer releituras produtivas da tradição. A importância nos poemas atuais da retórica da correspondência, do diário e da conversação, em que os pronomes de segunda pessoa são ressaltados, tem levado uma parcela da crítica a voltar sua atenção não apenas para o “eu lírico”, mas também para o “eu endereçado” ou, em outras palavras, para o caráter direcionado da palavra poética.

Nesse sentido, interessa considerar a inscrição do interlocutor no discurso, trazendo o destinatário ou leitor como uma instância que diz respeito a construções internas e inerentes à poética, tendo, em seus limites, a ligação com o outro. A preocupação é menos com a maneira com que fatores externos determinariam a leitura ou o “leitor” e mais para o modo como esses eventos estariam em diálogo com elementos internos à obra, proporcionando a compreensão dos poemas e das instâncias de “poeta” e de “leitor”. Por essa razão, o foco de leitura busca privilegiar as representações construídas pelos poemas, deixando que o poeta ou leitor histórico-biográfico ofereça-nos informações que poderiam adicionar outras visadas para o texto, realinhando eventuais equívocos de compreensão e ampliando seu escopo. Dito de outro modo, o endereçamento é visto como questão restrita aos limites da poética,

sto é, como problema que envolve um pensamento e uma retórica, tendo como horizonte o problema da relação com o outro, a configuração de determinados *regimes de alteridade*. Trata-se de entender o modo como a poética constitui sua política, como ela performa sua inscrição na história, como ela dá sentido à história, e não o contrário: como poderiam ser explicados pelo discurso histórico seus gestos de sentido. (Siscar, 2023, p. 12-13)

Essa perspectiva é trabalhada em estudos como os de Jonathan Culler (1977, 2014 e 2015), de Joëlle de Sermet (1996) e, no Brasil, nos ensaios de Silviano Santiago (2002), de Celia Pedrosa (2014), em artigo do *Indiccionario do contemporâneo* (Andrade et al., Pedrosa et al., 2018), e nas pesquisas de Marcos Siscar (2016) sobre a poesia de Ana Cristina Cesar. Na tradição moderna, a leitura parte do convite “singular” que Charles Baudelaire estende a seu destinatário em “Ao leitor”, exemplo do desacordo com o leitor de poesia⁵.

Ao se debruçar sobre a apóstrofe na tradição poética, Culler (1977) recupera sua definição a partir Oratória de Quintiliano, em que é descrita como um tópico que desvia o discurso para um outro interlocutor (a fala dirigida ao juiz seria endereçada a outro destinatário), com ganhos de intensidade e efeito. Trazendo a apóstrofe da retórica e inserindo-a em um sistema mais amplo de endereçamento indireto característico da lírica, o crítico sustenta como as convocações ou chamados poéticos seriam um ato radical, o

⁵ Em Loiola (2023), tratei detalhadamente da relação entre poeta e leitor nos poemas em prosa de Charles Baudelaire, e em Loiola (2024), de alguns aspectos do poema “Ao leitor”, trabalhos aos quais remeto o leitor. No presente artigo, irei me valer de algumas das reflexões anteriores para o desenvolvimento do endereçamento na obra do poeta francês.

o momento em que a poesia se dá como um “acontecimento”⁶.

Neste momento, as apóstrofes baudelairianas serão variadas e exemplares. Elas chegam à argumentação como modelos de “paródia dos procedimentos apóstroficos” ou de “apóstrofes desmistificadas”. Com um exame mais atento dos procedimentos de endereçamento encontrados no poema “O Cisne”, o autor identifica um deslocamento que irá questionar ou esvaziar as apóstrofes. No entanto, será justamente essa discordância ou crítica baudelairiana do ato de endereçamento o que irá chamar a atenção para o “acontecimento poético”, para sua capacidade de “fazer coisas acontecerem” (Culler, 1977, p. 62, 64-65). Em outras palavras, há uma força no desacordo baudelairiano, no endereçamento vazio, tenso ou desarmonioso com o interlocutor, que intensificaria o acontecimento da poesia.

Essa articulação nos parece importante, pois há algo proveitoso em tratar a convocação ao interlocutor como central para a poesia, justamente o que a realiza como um acontecimento, e chamar a atenção para a maneira como o questionamento dessa convocação teria o poder de intensificar ou radicalizar o acontecimento poético. Dessa maneira, ganha força o gesto de Baudelaire que investe na desarmonia e no embate, colocando em suspenso o paradigma da afinidade romântica e promovendo uma postura responsiva que não é passiva e conciliadora, mas uma resposta ativa que inclui várias alternativas, entre elas o desvio e a recusa.

A possibilidade aberta pelo endereçamento poético de um universo positivamente responsivo – inserindo a poesia no campo do discurso vidente, profético ou oracular – estará no centro do estudo de Culler sobre a hipérbole e a apóstrofe baudelairiana. O ensaio se inicia constatando que “apesar da respeitável tradição lírica ocidental, a teoria da lírica permanece relativamente não desenvolvida”⁷ (Culler, 2014, p. 85). O autor lembra que a *Poética* de Aristóteles não discute a lírica grega antiga, embora o filósofo a conhecesse, pois o tratado se dedica à poesia mimética, ou seja, à imitação de ações. Outras formas poéticas, como discursos epidíticos de louvor ou crítica e a articulação de valores, centrais para a cultura grega, ficaram de lado e foram consideradas menores até fins do século XVIII, quando, finalmente, durante o período romântico, foi possível conceber a poesia lírica como arte mimética: uma representação de experiências subjetivas. Assim, o modelo dominante da lírica estaria próximo do monólogo dramático, em que a fala de uma personagem articula respostas a situações.

Nesse sentido, a poesia de Charles Baudelaire vai representar um problema, pois ela se aproxima tanto das formas gregas antigas não descritas por Aristóteles como das experiências subjetivas e dramáticas modernas. O crítico se pergunta qual seria o impacto

⁶ A partir do verso “a way of happening, a mouth”, do poema “In Memory of W. B. Yeats”, de W. H. Auden (“uma forma de acontecer, uma boca”, In: AUDEN, W. H. *Outro tempo*. Tradução de Margarida Vale de Gato. Lisboa: Relógio D’Água, 2003). Segundo Culler, a apóstrofe refletiria a junção entre o “acontecimento” e a “boca”.

⁷ Despite the venerable lyric tradition in the West, the theory of the lyric has remained relatively undeveloped.

da abordagem da poética baudelairiana para uma teoria da lírica – visto que o poeta do século XIX ocupa um lugar de destaque como o fundador da modernidade poética. A proposta é analisar seriamente a afirmação de Baudelaire de que a hipérbole e a apóstrofe são necessárias à poesia, buscando extrair implicações para uma teoria geral da lírica.

A citação faz parte do ensaio do poeta francês sobre Théodore de Banville, publicada inicialmente em 1861, na *Revue fantaisiste*:

De início constatemos que a hipérbole e a apóstrofe são formas de linguagem que lhe são [à lírica] não somente das mais agradáveis, mas também das mais necessárias, visto que essas formas derivam naturalmente de um estado exagerado da vitalidade.⁸ (Baudelaire, 1995, p. 609)

De acordo com Culler, a descrição tradicional da apóstrofe, a figura poética do endereçamento, como uma convenção herdada da poética clássica ou como sinal de emoção intensa, é insuficiente para interpretar a afirmação baudelairiana. Se a apóstrofe e a hipérbole são aspectos necessários à lírica, eles necessariamente ultrapassam papéis meramente convencionais ou retóricos. O autor sublinha, então, o gesto fundamental da figura, que transforma algo ao qual normalmente alguém não dirigiria a palavra, ou que não seria endereçável, em sujeito capaz de responder:

A apóstrofe trata a relação do sujeito com o mundo como uma relação especular, uma relação entre sujeitos, e tem um caráter altamente optativo, expressando desejos, pedidos e exigências para que aquilo que for endereçado faça algo para você, ou deixe de fazer o que costuma fazer. Pedir aos ventos que soprem ou às estações que mantenham sua vinda ou às montanhas que ouçam seus chamados é um ato ritualístico, pela qual a voz chama a fim de ser chamada e procura manifestar seu chamado, estabelecer sua identidade como voz poética.⁹ (Culler, 2014, p. 87-88)

Assim, o ato apostrofístico estaria atuando em mais de um sentido: na medida em que convoca entidades ou aspectos abstratos ou inanimados com a expectativa da resposta, faz da alteridade um sujeito responsivo e atua também sobre a voz poética, que se estabelece como vidente ou profética. Tal gesto constitui a poesia como uma espécie de ação ritualística, próxima da relação oracular ou com divindades. Apóstrofes famosas, como a de Alphonse de Lamartine no poema “O lago” [« Le Lac »] (“Ó tempo, suste o vôo!”¹⁰ [« *Ô temps ! suspends ton vol !* »]), estabelecem essa postura do vidente, ainda que suas exigências ao interlocutor sejam reconhecidamente impossíveis e permanecerem sem respostas.

Essa estranha atitude em que a voz poética dirige queixas ao universo, à divindade, à natureza ou à figura feminina e permanece sem respostas será alvo de ironia e sátira nos poemas baudelairianos. Neles, as queixas ou solicitações da voz poética não deixam

⁸ Tout d’abord constatons que l’hyperbole et l’apostrophe sont des formes de langage qui lui sont non seulement des plus agréables, mais aussi des plus nécessaires, puisque ces formes dérivent naturellement d’un état exagéré de la vitalité. (Baudelaire, 2010, v. II, p. 164-165).

⁹ Apostrophe treats the subject’s relation to the world as a specular relationship, a relation between subjects, and it has a highly optative character, expressing wishes, requests, and demands that whatever is addressed do something for you, or refrain from doing what it usually does. Asking winds to blow or seasons to stay their coming or mountains to hear one’s cries is a ritualistic action, whereby voice calls in order to be calling, and seeks to manifest its calling, to establish its identity as poetical voice.

¹⁰ A tradução é de José Lino Grünewald em GRUNEWALD, J. L. (Org.). *Poetas franceses do século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 15.

de receber respostas, porém elas serão diferentes das esperadas. Em “Beatriz”, ao endereçar-se à natureza, o sujeito poético chama a atenção de um “tropol de demônios viciosos”, ouve as zombarias que fazem de suas solicitações e vê a “rainha de minha alma, de olhar sem par” junto a eles, rindo da desgraça do poeta (Baudelaire, 2019, 374-377). O gesto sarcástico surge em outros poemas das *Flores do Mal*, tornando-se “característica de Baudelaire a postura que mobiliza a estrutura do endereçamento à natureza (ou a outros interlocutores impossíveis) mas representa-a irônica ou negativamente.”¹¹ (Culler, 2014, p. 90). Nos poemas, o ato apostrofático irá simultaneamente constituir a voz poética como visionária (tornando a natureza, esferas abstratas ou a mulher entidades responsivas) e zombar dessa pretensão. Mesmo que a instância ao qual o poeta se dirige permaneça em silêncio ou indiferente (que são também possibilidades de respostas de um sujeito), ela não deixará de oferecer um retorno ativo a suas exigências. De acordo com Culler, esse movimento fará com que o “evento” ou “ato” poético produzido pelo endereçamento se sobreponha a sua descrição ou dramatização. O “acontecimento” em si seria intensificado pelo movimento consciente e irônico do poeta.

A análise será desenvolvida destacando-se a maneira como as convocações baudelafricanas interrompem o modo representativo ou descritivo da *mimesis*, trazendo o poema para o presente característico da lírica. A articulação temporal promovida pelo endereçamento poético rompe ou resiste à narração e à *mimesis*, incluindo o gênero lírico na esfera de formas rituais. Ele se aproximaria da relação *I-Thou* (Eu-Tu), citada por Northrop Frye (*apud*. Culler, 2014, p. 94), que estaria na origem da poesia. Aproximando a obra e as reflexões poéticas de Baudelaire a um poema de Safo, exemplo de poeta lírico da antiguidade, o crítico argumenta que a poesia do autor estaria em consonância com a tradição lírica antiga, em um modelo de poesia não-mimético:

o caráter hiperbólico ou extravagante dessa invocação ao outro, que aqui assume a forma da multiplicação do discurso e das perspectivas do outro, faz do poema não uma representação ficcional de uma experiência ou evento, mas sim uma tentativa de ser ele mesmo um evento.”¹² (Culler, 2014, p. 97)

A abordagem da centralidade do endereçamento baudelafricano, portanto, com seus deslocamentos, ironias, sátiras ou desmistificações seria capaz de propor um modelo de lírica em sintonia com a tradição lírica antiga, não representativa, em que a poesia se produza não como uma descrição de acontecimentos, mas seja um acontecimento em si. O descompasso, nesse sentido, seria um modo de aguçar ou fortalecer o ato poético, chamando a atenção para sua produção como “evento”.

As implicações do estudo sobre as apóstrofes dos poemas de Charles Baudelaire estarão presentes em *Theory of the lyric*, de maneira mais abrangente. A obra propõe outro modo de abordar a poesia ocidental, em que parâmetros hermenêuticos ou

¹² the hyperbolic or extravagant character of this invocation of the other, which here takes the form of the multiplication of discourse and perspectives of the other, makes the poem not the fictional representation of an experience or an event, but rather an attempt to be itself an event.

Como um milhão de helmintos, em nossa cabeça
Um mundo de Demônios farreia em tumulto,
Até que, ao respirarmos, a Morte, esse oculto
Rio, com surdas queixas, para os pulmões desça.

Se o estupro e o veneno, se o incêndio e o punhal
Não bordaram ainda com traços ferinos
O esboço chão de nossos indignos destinos,
É que a audácia de nossa alma não é total.

Entre chacais, panteras, cadelas de caça,
Escorpiões, macacos, abutres, serpentes,
Chiantes e guinchantes, monstros estridentes
Na jaula vil de nossos vícios em devassa,

Há um mais feio, mais maligno, mais imundo!
Mesmo sem grandes gestos e sem grandes gritos,
De bom grado da terra faria detritos
E com um só bocejo engoliria o mundo;

É o Tédio! – com o olhar de pranto vacilante,
Fumando o narguilé, sonha um enforcamento.
Tu conheces, leitor, esse monstro incruento,
– Leitor irmão – hipócrita – meu semelhante!¹³
(Baudelaire, 2023, p. 26-29)

Em linhas gerais, o poema, escrito na segunda pessoa do plural, aproxima o sujeito poético e o destinatário. Ambos dividem vícios, crimes e pecados no *theatrum mundi* conduzido pelos “cordéis do Diabo”. Apenas no penúltimo verso surge o “tu”, redigido próximo a “leitor”, termo repetido no verso final: “Tu o conheces, leitor, esse monstro incruento, / Leitor irmão – hipócrita – meu semelhante!” O crítico francês Jérôme Thélot (1993, p. 172), chama a atenção para o fato surpreendente de que este último verso, célebre, permaneça incompreendido por quase toda a tradição de leitores de Baudelaire. Com o “tu”, ele traz uma maneira de se dirigir ao leitor “indecente, que nos descobre e nos acusa”¹⁴, pretendendo livrar seu interlocutor da indiferença.

Além de discordar do endereçamento indireto ao leitor, que seria o mais comum da lírica, a função da passagem do “nós” ao “tu” parece ser a de trazer o discurso para o presente característico da lírica, que permite sua repetição a cada aproximação do poema. O endereçamento ao leitor, assim, contribui para a constituição do evento poético, rompendo com o tempo ficcional e aproximando-o da temporalidade *I-Thou* dos rituais de invocação oracular ou à divindade.

Contudo, a agressividade “indecente” do pronome junto com a invectiva promove

¹³ « Au lecteur » // La sottise, l'erreur, le péché, la lésine, / Occupent nos esprits et travaillent nos corps, / Et nous alimentons nos aimables remords, / Comme les mendiants nourrissent leur vermine. // Nos péchés sont têtus, nos repentirs sont lâches ; / Nous nous faisons payer grassement nos aveux, / Et nous rentrons gaiement dans le chemin bourbeux, / Croyant par de vils pleurs laver toutes nos taches. // Sur l'oreiller du mal c'est Satan Trimégiste / Qui berce longuement notre esprit enchanté, / Et le riche métal de notre volonté / Est tout vaporisé par ce savant chimiste. // C'est le Diable qui tient les fils qui nous remuent ! / Aux objets répugnants nous trouvons des appas ; / Chaque jour vers l'Enfer nous descendons d'un pas, / Sans horreur, à travers des ténèbres qui puent. // Ainsi qu'un débauché pauvre qui baise et mange / Le sein martyrisé d'une antique catin, / Nous volons au passage un plaisir clandestin / Que nous pressons bien fort comme une vieille orange. // Serré, fourmillant, comme un million d'helminthes, / Dans nos cerveaux ribote un peuple de Démon, / Et, quand nous respirons, la Mort dans nos poumons / Descend, fleuve invisible, avec de sourdes plaintes. // Si le viol, le poison, le poignard, l'incendie, / N'ont pas encor brodé de leurs plaisants dessins / Le canevas banal de nos piteux destins, / C'est que notre âme, hélas ! n'est pas assez hardie. // Mais parmi les chacals, les panthères, les lices, / Les singes, les scorpions, les vautours, les serpents, / Les monstres glapissants, hurlants, grognants, rampants, / Dans la ménagerie infâme de nos vices, // Il en est un plus laid, plus méchant, plus immonde ! / Quoiqu'il ne pousse ni grands gestes ni grands cris, / Il ferait volontiers de la terre un débris / Et dans un bâillement avalerait le monde ; // C'est l'Ennui ! – l'œil chargé d'un pleur involontaire, / Il rêve d'échafauds en fumant son houka. / Tu le connais, lecteur, ce monstre délicat, / – Hypocrite lecteur, – mon semblable, – mon frère !

¹⁴ indécent, qui nous découvre et nous accuse.

um descompasso neste evento temporal, extrapolando-o. Gesto semelhante ocorre em “Epígrafe para um livro condenado”, escrita para a segunda edição das *Flores do Mal*, mas que permaneceu em estado de projeto, sendo publicada pela primeira vez na *Revue européenne* em 1861: “Alma curiosa que tateias / Em busca de um paraíso – ou / Te apiedas, ou te amaldiçoo.” [« *Âme curieuse qui souffres / Et vas cherchant ton paradis, / Plains-moi ! ... Sinon, je te maudis !* »] (Baudelaire, 2019, p. 431). No poema em prosa “O cão e o frasco”, publicado originalmente em 1862, no jornal *La Presse* e considerado por Thélot (1993, p. 19) “provavelmente o [poema] mais agressivo que Baudelaire tenha escrito”¹⁵, o parágrafo final afirma:

Ah! Miserável cão, se eu tivesse te oferecido um pacote de excrementos, tu o terias farejado com deleite e talvez até devorado. Assim, indigno companheiro de minha triste vida, tu te assemelhas ao público, a quem não se deve jamais apresentar perfumes delicados que o exasperem, mas dejetos cuidadosamente escolhidos.”¹⁶ (Baudelaire, 2018, p. 24)

Trechos assim não buscam harmonia com o interlocutor, mas apostam no contrário: no desacerto e no desconforto, em relações permeadas pela violência ou agressividade. O público de “O cão e o frasco”, é comparado a um “miserável cão” a quem se deve oferecer dejetos cuidadosamente escolhidos, enquanto o leitor do projeto de epígrafe às *Flores do mal* é amaldiçoado se não seguir as orientações da voz poética. No proêmio ao *Il Canzoniere* (1330-1306) de Petrarca, o sujeito do poema solicita igualmente a piedade do leitor (“se não o seu perdão, piedade imploro”¹⁷ [“*spero trovar pietà, nonchè perdono*”]), mas sem oferecer ameaças ou maldições em troca da receptividade do interlocutor. A relação baudelaireana com o destinatário, ao contrário, oferece “uma espécie de fraternidade baseada no desprezo”¹⁸ (Baudelaire, 2023, p. 504), segundo descrição que o poeta recupera da ligação de Edgar Allan Poe com seus ouvintes.

Esse tipo de convite ao leitor difere enfaticamente da relação estabelecida entre o sujeito poético e seu interlocutor no século XIX francês. Artistas e críticos da época buscavam problematizar tanto a voz que diz “eu” nos poemas como os papéis de seu interlocutor propondo, em geral, um pacto de espelhamento ou fusão entre as duas instâncias. A poesia, entendida como um transbordamento da emoção e da imaginação, um entusiasmo ou “canto da alma”¹⁹ (Lamartine, 1856, p. 247), poderia ser partilhada em uma espécie de irmandade ou solidariedade ideal entre os seres. O trecho mais conhecido a respeito dessa relação se encontra no prefácio de 1856 de *As contemplações* [*Les contemplations*], de Victor Hugo:

É esta, então, a vida de um homem? Sim, e a vida dos outros homens também.

¹⁵ probablement le plus agressif que Baudelaire ait écrit.

¹⁶ – Ah ! misérable chien, si je vous avais offert un paquet d'excréments, vous l'auriez flairé avec délices et peut-être dévoré. Ainsi, vous-même, indigne compagnon de ma triste vie, vous ressemblez au public, à qui il ne faut jamais présenter des parfums délicats qui l'exaspèrent, mais des ordures soigneusement choisies. (Baudelaire, 2010, v. I, p. 284).

¹⁷ A tradução é de José Clemente Pozenado em: PETRARCA, Francesco. *Canzoneiro*. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

¹⁸ une espèce de fraternité basée sur le mépris. (Baudelaire, 2010, v. II, p. 313)

¹⁹ le vers, ce chant de l'âme

Nenhum de nós tem a honra de ter uma vida que seja sua. Minha vida é a vossa, vossa vida é a minha, vós viveis o que eu vivo; o destino é um. Tomai então este espelho, e mirai-vos. Queixam-se por vezes dos escritores que dizem eu. Falai-nos de nós, pedem-lhes. Ai! Quando eu vos falo de mim, eu vos falo de vós. Como não o sentis? Ah! insensato, que crê que eu não seja tu.²⁰ (Hugo, 2002, p. 26)

No excerto, o espelho é trazido como imagem da relação entre a voz poética e seu destinatário, estabelecendo um vínculo de coincidência ou identificação. Refletidos, o “eu” poético e o “tu” do interlocutor estariam em uma certa consonância que permite o pacto de leitura. No entanto, o tom do fragmento lembra o caráter de advertência do prólogo baudelairiano de *As flores do mal*, sobretudo na frase que encerra o trecho. Em francês, o alexandrino sobressai na prosa do prefácio e parece ecoar o último verso de “Ao leitor” (Charles-Wurtz, 2001, p. 19-20). Ambos coincidem no número de sílabas e trazem invectivas ao leitor, porém promovem consequências diversas para a leitura dos poemas.

As divergências se dão sobretudo em relação às concepções antagônicas de mundo e de pensamento dos dois poetas. A poesia hugoana traz uma espécie de estímulo ao trabalho social, em que a voz poética e seu destinatário estariam engajados na edificação de um Bem comum, a ser concretizado em uma democracia que espelhe a fraternidade humana. Assim, o leitor “insensato” é aquele que não tem consciência dessa igualdade entre os seres, bem como de suas aspirações ao Bem que será alcançado social e politicamente com o progresso histórico. A consciência baudelairiana, por sua vez, está apoiada no Mal, força irresistível que atua no mundo e nos seres. É o universo satânico e infernal que “Ao leitor” encena, convidando o interlocutor a ter consciência da irmanação comum no Mal. O leitor “hipócrita”, portanto, é aquele que se nega a reconhecer a semelhança não no Bem, mas em seu oposto.

Essa distinção produz um desvio notável, pois a convicção de que uma força contrária ao Bem, à fraternidade ou igualdade está em atuação traz perturbações importantes nas relações de harmonia ou afinidade. O vínculo entre a voz poética dos poemas de Charles Baudelaire e seu interlocutor não será, portanto, de espelhamento ou continuidade, mas distorcido por duplicidades e desacordos, pelo embate, pela violência, por paradoxos de sujeitos crivados de incertezas. Essas rachaduras nas relações abrem brechas para a ruptura da ilusão da identificação entre o sujeito poético e seu interlocutor, impedindo que a relação de cumplicidade entre eles se torne adesão ou assimilação, em uma “poética da provocação”, para retomar a expressão de Steve Murphy (2003, p. 28).

A ideia da provocação, que mescla a sedução à irritação, é interessante para refletir sobre o convite estendido ao leitor no poema examinado. Ela não quebra a relação, mas estabelece-a por outros meios, que vão além da confiança, da lealdade e da afabilidade,

²⁰ Est-ce donc la vie d'un homme ? Oui, et la vie des autres hommes aussi. Nul de nous n'a l'honneur d'avoir une vie qui soit à lui. Ma vie est la vôtre, votre vie est la mienne, vous vivez ce que je vis ; la destinée est une. Prenez donc ce miroir, et regardez-vous-y. On se plaint quelquefois des écrivains qui disent moi. Parlez-nous de nous leur-crie-t-on. Hélas ! quand je vous parle de moi, je vous parle de vous. Comment ne le sentez-vous pas ? Ah ! insensé, qui croit que je ne suis pas toi !

exigindo que o interlocutor saia do papel de simples receptáculo das palavras e responda de maneira ativa ao poema. A respeito de “Ao leitor”, Claude Pichois comenta que, a partir de Baudelaire, a poesia se torna agressão, solicitando o envolvimento do leitor:

– *Hypocrite lecteur, – mon semblable, – mon frère !*

esse verso frequentemente citado, esse verso de ritmo pesado e ameaçador, solenizado por uma pontuação retardante, não foi suficientemente compreendido pelo que é: um convite urgente à comunhão poética, ou melhor, – à ação poética. Se não se quiser crer que a poesia será feita por todos, mais vale fechar o livro.²¹ (PICHÓIS, 1967, p. 216)

Para atingir uma parte considerável da experiência que o poema oferece, portanto, não bastaria ao interlocutor entrar na experiência poética como sujeito passivo. A força da convocação à “ação poética” do verso final de “Ao leitor” – talvez menos em seu lado atemorizador e mais como chamado categórico para o engajamento no poema – traz um convite não tanto à “comunhão poética”, mas à relação e à resposta, como uma exigência para que o evento poético aconteça. Com a aposta no desacordo, na agressividade e na provocação, o endereçamento nos poemas de Charles Baudelaire não somente inscreve a poesia na temporalidade lírica e na tradição visionária, tornando o interlocutor uma instância responsiva, como espera que a alteridade responda ao desafio com atitudes que podem exceder o consenso, o acordo e a harmonia.

O investimento do chamado poético baudelaireano no que distorce ou dificulta a afinidade e o espelhamento solicita, portanto, outros tipos de respostas, variadas e múltiplas, incluindo o risco do choque, da desorientação, do extravio, da indiferença ou da recusa. A experiência ou o acontecimento poético, portanto, deixando de ser somente um evento de conciliação ou um modo inofensivo de relação com a alteridade, pode se aproximar da ferida, do acidente e da catástrofe.²² Trazer o endereçamento baudelaireano para uma teoria da lírica implica tratar da poesia como uma relação com o outro e abordar a exigência da resposta, de réplicas que passam pelo dissenso e pela divergência, enfrentando o temor do desastre e do fracasso. Talvez esteja nessa irreduzibilidade a força do chamado baudelaireano que, lançando-se em relações arriscadas e imprevisíveis com a alteridade, faz do poema uma fenda que resiste à oposição entre vida e poesia, ou em outras palavras, que se impõe com a força de um acontecimento.

Referências

ANDRADE, Antonio et al. ; PEDROSA et al. “Endereçamento”. In: _____. *Indicionário do contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, p. 97-124.

²¹ – *Hypocrite lecteur, – mon semblable, – mon frère !* / ce vers souvent cité, ce vers au rythme lourd et menaçant, solennisé par une ponctuation retardante, n’a pas été assez compris pour ce qu’il est : une invitation pressante à la communion poétique, mieux, – à l’action poétique. Si l’on ne veut croire que la poésie sera faite par tous, mieux vaut fermer le livre.

²² São alguns dos termos com que Jacques Derrida (2001, p. 114-115) se refere à poesia.

BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*. Org. Claude Pichois. Paris : Gallimard, 2010 [1975]. 2 v.

BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos Poemas em Prosa: O Spleen de Paris*. Prefácio de Marcelo Jacques de Moraes; tradução e notas de Isadora Petry e Eduardo Veras. São Paulo: Via Leitura, 2018.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução e organização de Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

BAUDELAIRE, Charles. *Prosa*. Tradução, organização e introdução de Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2023.

CHARLES-WURTZ, Ludmila. *Ludmila Charles-Wurtz commente "Les Contemplations" de Victor Hugo*. Paris: Gallimard, 2001.

CULLER, Jonathan. "Apostrophe". *Diacritics*, v. 7, n. 4, winter 1977, pp. 59-69.

CULLER, Jonathan. "L'hyperbole et l'apostrophe: Baudelaire and the Theory of the Lyric". *Yale French Studies*, n. 125/126, Time for Baudelaire (Poetry, Theory, History), 2014, pp. 85-101.

CULLER, Jonathan. *Theory of the lyric*. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2015.

DERRIDA, Jacques. "Che cos'è la poesia?", tradução Tatiana Rios e Marcos Siscar. In: *Inimigo rumor*, n. 10, maio 2001, p. 113-116.

HUGO, Victor. *Les Contemplations*. Édition présentée et annotée par Ludmila Charles-Wurtz. Coll. Classiques de Poche, dirigée par Michel Zink et Michel Jarrety. Paris: Librairie Générale Française, 2002.

LAMARTINE, Alphonse de. *Cours familier de littérature: un entretien par mois*. T. I. Paris : chez l'auteur, 1856. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k29469m/f1.item> . Acesso em: 20 de nov. 2025.

LOIOLA, Rita de Cássia Bovo de. *Um convite "singular": aspectos da relação entre as representações de poeta e de leitor nos poemas em prosa de Charles Baudelaire*. 2023. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

LOIOLA, Rita de Cássia Bovo de. "'É para você que escrevo, hipócrita': Charles Baudelaire e a relação com o interlocutor poético em Ana Cristina Cesar". *O Eixo e a roda: revista de literatura brasileira*. v. 33, n. 4, 2024, p. 105-119.

MURPHY, Steve. *Logiques du dernier Baudelaire : lectures du Spleen de Paris*. Paris: Honoré Champion, 2003.

PEDROSA, Célia. "Poesia, crítica, endereçamento". In: KIFFER, Ana Paula Veiga; GARRAMUÑO, Florencia (Org.) *Expansões contemporâneas: literaturas e outras formas*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2014, p. 69-90.

PICHOIS, Claude. *Études et Teimognages*. Neuchâtel: La Baconnière, 1967.

SANTIAGO, Silviano. “Singular e anônimo”. _____. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 61-71.

SERMET, Joëlle de. « L’adresse lyrique ». In : RABATÉ, Dominique (Dir.). *Figures du sujet lyrique*. Paris : Presses Universitaires de France, 1996, p. 81-97.

SISCAR, Marcos. “Apresentação”. In: _____. (Org.). *Escrever para quem? Ana Cristina Cesar e o endereçamento*. Campinas, SP: Asa da palavra, 2023, p. 9-20.

SISCAR, Marcos. “Ana C. aos pés da letra”. In: _____. *De volta ao fim: o fim das vanguardas como questão da poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016, p. 104-133.

THÉLOT, J. *Baudelaire, Violence et poésie*. Paris: Éditions Gallimard, 1993.